

## A tradução jornalística na sala de aula: relações entre a tradução e os media

**WARROT, CATARINA VAZ**  
catarinavazw@yahoo.fr

Pós-doutoranda na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal  
Investigadora do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

**PALAVRAS-CHAVE:**  
tradução especializada;  
imprensa;  
ensino.

**RESUMO:** Jornalistas e tradutores são ambos produtores de discurso: os primeiros a partir de acontecimentos, os segundos a partir de textos. É quando traduz textos de imprensa que o tradutor se aproxima mais do jornalista. Com efeito, o tradutor de imprensa ou de imprensa especializada deve adaptar o seu texto ao seu leitor, tal como o faz o jornalista quando escreve o texto original. Pretendemos, neste artigo, explorar a relação entre as funções do tradutor e as do jornalista e a presença cada vez maior de textos de imprensa na sala de aula. Para tal, analisámos estratégias adotadas tanto pelos tradutores como pelos jornalistas. A tradução jornalística, que sendo atualmente ainda pouco representativa no mercado das traduções começa a adquirir uma importância cada vez maior (*Correio Internacional*, canais audiovisuais em várias línguas, sites internet bilingues e multilingues, comunicados de imprensa). No entanto, dado o contexto da mundialização em que a rapidez é indispensável, os jornalistas substituem-se frequentemente aos tradutores e a sua falta de formação no âmbito da tradução e da linguística conduz, por vezes, a formulações surpreendentes e à criação de sentidos erróneos que podemos observar em alguns exemplos. Realçamos deste modo a necessidade de formações adaptadas e exigentes.

**KEYWORDS:**  
media translation;  
press;  
translation;  
education.

**ABSTRACT:** Journalists and translators are both producers of discourse: the firsts from facts, the seconds from texts. It is when translating texts from news that the translator looks the most like the journalist. As a consequence, the translator of news or of specialized press has to adapt his text to his reader, in the same way a journalist does when writing the original text. We would like, in this article, to explore the relationship between the functions of the translator, those of the journalist and the growing presence of news article in the class room. Hence, we analyze the strategies used by translators and journalists. The journalistic translation, which represents a little part in the translation market, starts growing more and more (*International courier*, multi-lingual channel, bilingual web sites, communication on news). In the context of globalization where quickness is required, journalists often behave as translators and a lack of training in the field of translation and linguistic, sometimes lead to surprising formulations and wrong meanings that we can observe in different examples. We then highlight the need for adapted and demanding training.

## 1. INTRODUÇÃO

No vastíssimo campo da comunicação, jornalistas e tradutores são ambos produtores de discurso: os primeiros a partir de acontecimentos, os segundos a partir de textos. No âmbito da tradução especializada que surge nas aulas de Línguas Estrangeiras Aplicadas, se o tradutor parte dos textos, é antes de tudo para transmitir sentidos que são dependentes de uma contextualização (Seleskovitch e Lederer, 1984 e 2005) e que estão integrados numa situação de comunicação específica.

É quando o tradutor traduz textos de imprensa que se aproxima mais do jornalista. O tradutor de imprensa ou de imprensa especializada deve adaptar o seu texto ao seu leitor, tal como o faz o jornalista quando escreve o texto original (Ladmiral, 1994). É por esta razão, entre outras, que a tradução jornalística conhece nas universidades um grande sucesso e impõe-se como um tipo de tradução modelo.

Os universitários substituem cada vez mais, a clássica versão literária pela tradução de excertos de artigos de imprensa, escolhendo preferencialmente a imprensa de um nível cuidado (*Le Monde*, *The Economist*, *Expresso*, entre outros). Este tipo de artigos permite um interessante trabalho de treino de tradução, de aquisição de uma língua estrangeira e também de aperfeiçoamento de competências em língua materna, visto que acumula dificuldades linguísticas quer de compreensão (léxico e sintaxe cuidadas, estilo específico de cada média) quer de conhecimentos sobre a atualidade.

Propomo-nos, nesta comunicação, explorar a relação entre as funções do tradutor e as do jornalista e a presença cada vez maior de textos de imprensa na sala de aula.

Existem tradutores que são igualmente jornalistas, em especial nos países onde a investigação e o acesso à informação só pode existir graças a uma actividade bilingue ou plurilingue, como por exemplo no Médio Oriente. Em França e em Portugal, países predominantemente monolingués, as duas profissões são, geralmente, distintas.

É quando traduz artigos de imprensa que o tradutor mais se aproxima do jornalista. Tem de recriar um título que capte a atenção do leitor, explicitar uma sigla ou uma realidade cultural desconhecida, em suma, o tradutor deve adaptar o seu texto ao leitor, tal como o fez o jornalista quando escreveu o texto original.

A identificação de referências ou alusões e de realidades culturais específicas descritas em artigos de jornais de renome deve acompanhar-se de uma estratégia de tradução adequada, através, por exemplo, da adaptação, da explicitação ou da neutralização. Se esta riqueza explica o sucesso das aulas de tradução de textos de imprensa, também alimentou a ideia de que este tipo de texto refletia a atividade dos tradutores profissionais, especialistas ou não. Ora, tal não corresponde à verdade. No mercado das traduções, as necessidades em tradução jornalística são inferiores à imagem que é dada na universidade e bem inferior à procura relativamente a outros documentos de natureza muito diversa, tais como contratos, relatórios, brochuras, manuais de utilização, notas técnicas, nomenclaturas, etc (Gouadec, 2002, p.8).

Em que casos se apela, então, aos tradutores profissionais para traduzirem artigos de imprensa? Surge-nos imediatamente o nome do semanário *Correio Internacional* mas este permanece um caso marginal (menos de uma dezena de tradutores locais) ou ainda algumas grandes revistas que difundem versões traduzidas, como o *National Geographic Portugal*.

Constata-se, contudo, um aumento recente da procura, devido à expansão dos grandes canais audiovisuais de informação internacional que difundem em duas línguas (como *France 24* ou *Al-Jazira*) ou em mais línguas (sete línguas no que diz respeito à *Euronews*) e alimentam um site Internet bilingue ou multilingue. Paralelamente, os grandes nomes da imprensa escrita têm também o seu portal internet que pode propor, entre outros, artigos traduzidos da imprensa estrangeira: por exemplo artigos de *newsweek* traduzidos no site do *Nouvel Observateur* (tal aconteceu, por exemplo, no âmbito da campanha presidencial americana).

Notemos, por último, o aparecimento de novas profissões que associam a procura de informação e a tradução, principalmente nos contextos de «vigília», tecnológica ou comercial, por

exemplo, ou ainda na «análise dos médias», cujo peritos «levam a cabo investigações qualitativas e quantitativas em duas ou três línguas de modo a responderem a um pedido de informação objectiva, regular e pontual»<sup>1</sup> (Franjié, 2007, p.63) para um serviço de comunicação ou uma agência de publicidade internacional.

Do mesmo modo, «a infomeiação» que associa a tradução e a síntese, efetuada por «leitores-redatores-tradutores» é uma «nova atividade especializada que consiste em investigar e reunir informação no plano internacional de todos os médias, em conceber panoramas de imprensa e/ou sínteses destes panoramas e em difundi-los junto de uma clientela»<sup>2</sup> (Lebtahi e Ibert, 2004, p.225).

Entre as práticas de tradução jornalística mais frequentes surgem os comunicados de imprensa. São textos de informação transmitidos à imprensa para serem publicados integral ou parcialmente. Sempre curtos (em média uma página) contêm informação precisa (anúncio de um acontecimento, saída de um novo produto, mudanças no seio de uma organização) e são destinados a ser difundidos nos médias. Redigidos pelos serviços de marketing ou de comunicação das empresas ou organizações e raramente por «attachés» de presse, respondem a exigências rígidas em termos de formato e de estilo. A imagem e a promoção das organizações dependem da receção dos seus comunicados de imprensa geral e especializada visto que são jornalistas que reproduzem uma parte dos seus artigos. É por essa razão que a sua tradução é confiada a tradutores profissionais.

A tradução dos comunicados de imprensa é um setor em que tradutores e jornalistas estão em contato estreito. Isto significa que na maior parte dos casos, os jornalistas não têm de assegurar a tradução visto que se apoiam em comunicados já traduzidos ou em comunicados de agências de informação que também estão frequentemente traduzidos. É o caso da agência France Press cujos «serviços gerais propõem aos profissionais dos médias e não só 100 000 a 300 000 palavras por dia em seis línguas (francês, inglês, espanhol, português, alemão e árabe) e em contínuo»<sup>3</sup> (ver o portal da agência *France Press*).

1. A tradução é nossa, «(...)mènent des recherches qualitatives et quantitatives dans deux ou trois langues pour répondre à une demande d'information précise, régulière ou ponctuelle».

2. A tradução é nossa «(...) nouvelle activité spécialisée qui consiste à rechercher et à collecter l'information sur le plan international dans tous les médias, à concevoir des panoramas de presse et/ou des synthèses de ces panoramas et à les diffuser auprès d'une clientèle».

3. A tradução é nossa, ««services généraux (...) proposent aux professionnels des médias et hors médias, 100 000 mots à 300 000 mots par jour bien maîtrisés, en six langues (français, anglais, espagnol, portugais, allemand et arabe) et en continu».

Mesmo se os jornalistas se podem apoiar em notícias e comunicados traduzidos por profissionais, a rapidez da informação obriga-os, frequentemente, a procurar as suas fontes em artigos e comunicados em versão original que eles traduzem, mais ou menos bem, e muitas vezes, demasiado depressa: substituem-se então ao tradutor.

Este fenómeno recente insere-se no contexto da mundialização: informação quase imediata nos médias audiovisuais, muitas vezes traduzida na urgência, depois retomada nos médias escritos. A informação presente em linha permite além disso aos jornalistas apoiarem-se em artigos estrangeiros não traduzidos, sem que pensem sistematicamente em fazer as verificações linguísticas necessárias.

O resultado são, por vezes, formulações que podem surpreender certos leitores que exprimem regularmente críticas nos fóruns de comentários existentes no seguimento de artigos disponíveis na internet. Os tradutores profissionais deploram frequentemente a existência de imprecisões nas afirmações relatadas por jornalistas a partir de fontes estrangeiras.

Às vezes a inexactidão deve-se também ao desconhecimento das realidades culturais estrangeiras. Por exemplo, aquando da morte de Maurice Béjart, um jornal espanhol, citando o coreógrafo, escreveu a partir do francês: «Saqué el baile de las salas de ópera para implantárselo a los estadios, a los Juegos Olímpicos, al Festival de Avinón», isto é literalmente que fez entrar o ballet nos estádios. Ora, a citação original fazia alusão ao Palácio dos Desportos de Bercy, uma sala de espectáculos que, se pode acolher manifestações desportivas, não tem nada a ver com um estádio.

Se a verificação da própria informação se impõe ao jornalista profissional, a da língua da sua própria tradução pode ser julgada menos importante. A isso se acrescenta a tendência para se acreditar que se compreende perfeitamente uma língua e que se é capaz de tudo traduzir porque se comunica relativamente bem nessa mesma língua (principalmente no que diz respeito ao inglês). Não é inútil lembrar que a tradução é uma profissão que necessita do domínio de saberes linguísticos e culturais vastos e profundos assim como conhecimentos adquiridos pela prática e por uma formação específicas (Lavault-Olléon, 1998; Gouadec, 2002), que não são seguidas pelos jornalistas.

O tradutor não se situa nas relações de força e de concorrência do campo jornalístico e tem a sorte de manter uma certa autonomia. Face ao mesmo acontecimento, a sua abordagem será, naturalmente, mais comedida e mais neutra, mais respeitadora da globalidade da mensagem: sem cair no literalismo, e tendo em conta o destinatário e a função do texto, o tradutor impõe limites mais restritos às suas possibilidades de interpretação. Responderá às necessidades do emissor explicitando ou adaptando se for necessário, e reformulará, reescreverá, corrigirá o original se for deficiente (Allignol, 2004, p.71). No caso da tradução «imediate» de acontecimentos importantes, como as eleições, poderá seleccionar passagens e omitir outras mas transpô-las-á da maneira mais neutra possível. O jornalista, tem mais liberdade na representação do acontecimento em função das suas convicções ou das necessidades do média para o qual escreve.

Estas duas abordagens reflectem também concepções ou prioridades linguísticas divergentes, sentindo-se o tradutor mais ligado à língua e à sua representação.

Ao consolidarem e ao amplificarem usos linguísticos espontâneos, os jornalistas são, com efeito, actores da evolução da língua. Os tradutores encontram-se, quanto a eles, confrontados a novas realidades e a terminologias inéditas que devem tratar para realizarem a transferência de informações. Mediadores entre os usos espontâneos e as normas linguísticas, contribuem de modo pensado para a neologia e para a evolução da língua

Assim, nas aulas de tradução, é frequente trabalhar-se sobre a interpretação contextual dos enunciados e sobre a procura de equivalências idiomáticas não decalcadas (Delisle, 2003; Lavault-Olléon, 2007).

É importante também sensibilizar os estudantes para o facto que nem tudo o que é publicado nos médias deva ser considerado como referência linguística e que devem constantemente verificar as fontes e regressar às referências oficiais que asseguram uma evolução controlada da língua. Um erro de tradução ou uma formulação infeliz pode propagar-se rapidamente na internet e dar uma imagem de falsa fiabilidade.

4, A tradução é nossa, «(...) un appauvrissement de la langue, qui est renforcé (...) par le comportement des rédactions des chaînes télévisées».

Paralelamente, pensamos que não seria inútil introduzir aulas de tradução profissional nas formações de jornalistas, de modo a sensibilizar os futuros jornalistas às questões da tradução e às questões de língua. Alguns jornalistas deploram, com efeito, na sua profissão «um empobrecimento da língua, que é reforçado pelo comportamento das redações das cadeias de televisão»<sup>4</sup>. Estas imporiam regras severas para ajudar à «comunicação da mensagem», por exemplo, obrigando a suprimir os adjetivos. As formações de jornalistas têm tendência a privilegiar a facilidade de elocução e a imagem do jornalista em detrimento do domínio da língua e do trabalho com a língua escrita (Colignon, 2007, p. 43-46).

A consideração destes elementos nas formações destinadas a estas duas categorias profissionais parecem-nos ainda mais essenciais visto que a revolução tecnológica que transformou o mundo numa «aldeia global» colocou à disposição de todos e ao mesmo tempo, a informação e os meios de a reescrever e de a modificar praticamente em direto, baralhando as fontes, os conteúdos e as funções.

Esta formidável liberdade que a internet oferece não deve fazer esquecer que formações universitárias de alto nível, capazes de se adaptarem às evoluções em curso, associando rigor e competência, são mais do que nunca indispensáveis para manter a qualidade e o estatuto dos profissionais da comunicação.

#### REFERÊNCIAS

- ALLIGNOL, C., «Le traitement des textes sources déficients, casse-tête habituel du traducteur technique», *Traduire*, revue française de la traduction, Paris, SFT, nº203, setembro de 2004.
- COLIGNON, J.-P., «Traducteur, journaliste, même combat», *Traduire*, revue française de la traduction, Paris, SFT, nº212, março de 2007.
- DELISLE, J., *La traduction raisonnée*, Presses de l'université d'Ottawa, 2ª ed., 2003.
- FRANJIE, L., «La traduction-veille et l'analyse médias», *Traduire*, Revue Française de la traduction, Paris, SFT, nº215, dezembro de 2007.
- GOUADEC, D., *Profession: traducteur*, Paris, La Maison du Dictionnaire, 2002.
- LADMIRAL, J.-R., *Traduire : théorèmes pour la traduction*, Paris, Gallimard, 1994.
- LAVAUT-OLLÉON, E., «Traduction spécialisée: des pratiques qui se passent de théorie?», *Traduction spécialisée: pratiques, théories, formations*, Élisabeth Lavault-Olléon (éd), Berne, Peter Lang, 2007.
- LAVAUT-OLLÉON, E.; SAURON, V., «Journaliste et traducteur: deux métiers, deux réalités», *ILCEA*, 11, 2009, documento acessível em linha em: /index210.html (consultado a 16 de agosto de 2012).
- LEBTAHI, Y.; IBERT, J., «Traducteurs dans la société d'information: Évolutions et interdépendances», *Meta*, Presses de l'université d'Ottawa, vol.49, nº2, junho de 2004.
- SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M., *Interpréter pour traduire*, Paris, Didier Erudition, 1984.

